

Arranja um assunto aí!

O editor do Caderno de Variedades estava num dia efetivamente aziago. Como se não bastasse a falta de dois redatores, o *freelancer*, que prometera uma reportagem para a primeira página, dera o cano.

E agora ainda mais esta: a crônica para a página cinco também não aparecera.

Assim era demais!

Um tanto sobre o furibundo deu uma (olhada) geral na sala de redação (eram três horas da tarde e as máquinas tac-tac-teavam com fúria), até que seus olhos fixaram-se rutilantemente num dos redatores:

- Ô Dagoberto – disse ele – esta tua matéria pode ficar pra amanhã. Agora vais me quebrar um galho. Faz uma croniquinha aí, rápida. Ou melhor: rapidíssima.

- Uma croniquinha????!! – respondeu Dagoberto, entre espantado e aflito.

- É, porra, uma croniquinha, uma crônica. Nunca ouviste falar em crônica. Nunca leste o Drumond, o Fernando Sabino, o Paulo Costa Ramos, porra!?

- Já li, claro. Mas como é que vou escrever uma crônica, cacete! Cadê o assunto?

- Isto é problema teu. Te vira. Não vives dizendo que essas crônicas são um “saco”. Agora faz uma. À tua maneira. Ou escreve sobre a falta de assunto.

Dagoberto coçou-se, deu algumas fungadas, arregaçou as mangas, ajeitou-se na cadeira, “crônica”, ora pô... e... tentou começar. E assim ficou, dedos suspensos, olhos a postos. Mas nada saiu. Aí se virou para o outro redator, na mesa ao lado, que martelava freneticamente a sua máquina e pediu:

- Me dá uma dica aí, Aluísio.

- Dica de que, ô cara?

- Pra fazer uma crônica.

- Uma crônica? Lá quero saber de crônica. Esta matéria aqui já tá me torrando o saco e tu ainda me vens falar de crônica.

Dagoberto voltou à ação. Puxou um cigarro, acendeu-o (durante todo o tempo olhando o papel diagramado em branco que estava na máquina), até que, num ímpeto resoluto, começou a escrever. Encheu duas linhas (faltavam, ainda, 78!) e interrompeu-se. Vamos dar uma espiada na sua primeira frase: “O frio está chegando e parece que o inverno vai começar...” Parou aí. Releu a frase e foi dominado por uma expressão de total contrariedade. “Que coisa mais besta”, pensou com os seus botões, ao mesmo tempo em que arrancava com ira o papel, amassava-o e atirava-o ao

lixo. E essa mesma operação repetiu-se ainda umas... dez vezes (sob o olhar controlador e disfarçado do editor):

- Como é que é, Dagoberto? Ta saindo? Não precisa fazer nenhuma obra prima. É só uma crônica. Mas vê se me entrega antes das cinco.

Esta última invectiva sacudiu com os seus brios: - “ora, é claro que eu posso escrever uma crônica. É só pegar um assunto mais sério”. E a guerra do Vietnam estalou em sua mente.

Mais uma vez, num impulso decisivo, recomeça a datilografar, como um gênio que presentisse o seu grande momento criativo.

Mas vejamos o que saiu: “A guerra do Vietnam demonstra quão bestial e imaturo o homem é”. Parou. Releu a frase. “Quão?!” Onde é que eu fui achar esta palavra: faz séculos que ela não aparece em lugar nenhum. E por que esta ordem indireta? Mil dúvidas novamente assaltaram-no.

Quando o editor, mais uma vez, ia pedir o texto, Dagoberto disse:

- Espera que já vai.

Aí, com uma repentina rapidez, escreveu algo no meio da folha, em caixa alta e, com mais rapidez ainda, entregou-o ao editor. Este, então, comentou, com a satisfação de quem, após uma longa viagem, avista as luzes de uma cidade:

- Até que enfim.

E leu: “O então redator Dagoberto de tal acaba de descobrir que não tem a menor inclinação para escrever crônicas, nem outra coisa qualquer (a não ser poemas de amor e assim mesmo quando está muito inspirado) e decidiu, neste exato momento, que vai abandonar o jornalismo e vai aprender a tocar tuba. Se você quer uma crônica – ESCREVA-A.”

E o editor não teve outro jeito. Republicou, para preencher o espaço já determinado, uma de suas velhas crônicas.

Quanto a Dagoberto, depois de dois dias de folga (não remunerada) foi readmitido na redação. E, um mês depois, entregou, ao editor do Caderno de Variedades, uma crônica de sua lavra (caprichada) “para qualquer emergência”. (1975)